

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2022-10-19

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Branco, J. F. (2020). Culturas, populares, subalternas e suas circunstâncias museológicas madeirenses. In Thierry Proença dos Santos (Ed.), *De uma voz a outra - travessias: livro em homenagem a João David Pinto Correia*. (pp. 275-29).: Colibri.

Further information on publisher's website:

<https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/registo?2063395>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Branco, J. F. (2020). Culturas, populares, subalternas e suas circunstâncias museológicas madeirenses. In Thierry Proença dos Santos (Ed.), *De uma voz a outra - travessias: livro em homenagem a João David Pinto Correia*. (pp. 275-29).: Colibri.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

CULTURAS, POPULARES, SUBALTERNAS E SUAS CIRCUNSTÂNCIAS MUSEOLÓGICAS MADEIRENSES

Jorge Freitas Branco

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa,
Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), polo IUL

Relendo dois textos de João David Pinto Correia, lembrei-me duma experiência curta e proveitosa vivida com ele no ex-Centro de Tradições Populares Portuguesas, onde o Prof. Manuel Viegas Guerreiro nos juntara. Retive a ideia de madeirensidade¹ e o sentimento de pertença². Relativamente à primeira nada trago de novo, não me sinto capacitado para aprofundar a noção por ele esboçada; sobre a segunda, graças ao seu texto refleti e constato que a sociedade madeirense³ se dotou de um dispositivo discursivo, pela via museológica, onde a cultura popular já não surge como um apêndice de lembranças e recordações vividas, testemunhadas ou lidas, mas equacionada, admitida e incorporada numa prática de recordar, esquecer, restituir.

¹ João David Pinto Correia, «Cultura “madeirense”. Implicações de um conceito (sistematização – roteiro para estudo)» in J. E. Franco e C. Trindade (coords.), *Que saber(es) para o século XX. História, Cultura e Ciência na Madeira*, Lisboa, Esfera do Caos, 2014, pp. 297-339.

² João David Pinto Correia, «A Condição de Ilhéu: Vivência, Memória, Testemunho» in O. T. Almeida, R. Carneiro, A. T. Matos (coords.), *A Condição de Ilhéu*, Lisboa, CEPCEP, 2017, pp. 35-44.

³ Neste texto considera-se madeirense o que se reporta à ilha da Madeira e não ao arquipélago. A realidade porto-santense, se analisada na perspetiva aqui ensaiada, merece tratamento separado. No entanto, não quero omitir algumas experiências museológicas realizadas; destaca-se a do Museu Cardina, na Camacha, que resulta duma iniciativa particular, nascida entre um restaurante e um moinho de vento.

Museu Etnográfico da Madeira

O Museu Etnográfico da Madeira⁴ é uma estrutura da administração pública regional, tutelada pela direção regional da Cultura, inaugurada em 1996. Fica na Ribeira Brava, a pouco mais de 15 minutos pela via rápida a partir do Funchal. Para os madeirenses, a distância é percecionada já como afastamento. Está instalado num edifício setecentista religioso e depois fabril no período oitocentista⁵. Caído em ruínas, foi recuperado com intuito museológico a partir dos anos 1980, sendo inaugurado em 1996⁶. Ao aproximarmo-nos adivinha-se a função representativa de cultura popular numa sua feição regionalizante. No interior há uma exposição permanente e uma área para ações temporárias. O percurso proposto na primeira faz-se por salas sucessivas ao longo dos dois pisos. Começa-se pela atividade haliêutica, com embarcações de pesca local originais e respetivos apetrechos, destacando-se a técnica de captura do peixe espada preto (*Aphanopus carbo*).

O espaço seguinte é dedicado aos transportes com veículos de rodado fixo, outros de arrasto, assim como mais meios usados sobretudo para o transporte de pessoas de estatuto social elevado (redes, palanquins, cestos).

Na apresentação da tecelagem destaca-se a museografia de ambientação humana ativa, com a presença de uma tecedeira manipulando um tear horizontal. Recapitulam-se os tormentos do linho, expõem-se os respetivos instrumentos enquadrados por imagens retiradas da literatura de viagens ou resultantes de recolhas feitas para o museu. Num outro espaço esquematiza-se uma cozinha recheada de pequenos objetos: uma mostra de cultura material gastronómica, em que se realçam aspetos na generalidade, não se sublinhando traços reveladores de assimetrias sociais. Dos artefactos expostos destaco o cuscuzeiro e o caco.

⁴ https://www.facebook.com/museuetnografico.damadeira/?eid=ARDGY9L0oF-GbL7M6A_cNkL-Dvake2I9thupYBM18Js6q1obdhT4tsDrIaS7xWvYlqL94DbJ-M0Tn8-jp

⁵ Nelson Veríssimo e Jorge V. Guerra, «O Hospício Franciscano e a capela de São José da Ribeira Brava», *Islenha – Revista de Temas Culturais Insulares*, n.º 19, 1996, pp. 61-94.

⁶ Henrique Coutinho Gouveia, *Museu Etnográfico da Madeira: estudo de um modelo de avaliação*, Praia / Tomar, Universidade de Cabo Verde e IP Tomar, 2009.

Este último ganhou relevância, porque sujeito a um processo de resignificação: basta comparar o caco de barro exposto com o produto hoje vendido em padarias, no comércio ambulante, adotado nas ementas de cadeias de *fast food*, de *snack bars* ou de restaurantes convencionais, quer na Madeira como no continente português. A designação permanece, mas a produção e o contexto de consumo alteraram-se, um saber técnico foi descontinuado, existindo agora a obediência a uma ideia de tradição só recentemente criada.

Ao cereal é dedicada uma área expositiva considerável. Apresenta-se o cultivo, a ceifa e a debulha. Nesta, sobressaem a máquina de debulhar (libertação do grão) – designação nativa ferro – e outra para a limpeza – termo nativo ventoinha –, ambas de construção insular, provavelmente do primeiro quartel do século XX. Um dos exemplares sobressai pela raridade, sendo um valor bem acrescentado ao acervo. Refiro-me à debulhadora mecânica fabricada na fundição do antigo Arsenal de Santiago, pertencente à Madeira Engineering Company (mas então popularmente conhecido como «arsenal do Blandy», onde hoje existe uma unidade hoteleira na zona leste do Funchal). Realce também para a ventoinha com a inscrição P N Nascimento Caniço.

Depois trata-se dos vinhos e menos das vinhas: é a entrada em cena dos lagares. E também se recriam mais ambientes: à esfera doméstica é dada expressão num quarto de dormir (talvez um *period room*), à sociabilidade resultante do convívio no espaço público numa venda – enquanto o da mulher ocorria nas horas dedicadas a bordar. Também se reportam outros saberes e fazeres. A obra de vime com fins utilitários (móveis, contentores); ou as bonecas de massa com fins lúdicos e já não de oferenda cerimonial, entretanto consagradas como ícone regional pelo muralista RIGO numa parede da zona das chegadas no aeroporto.

Parque Temático da Madeira

Inaugurado em 2004, o Parque Temático da Madeira é um avultado investimento de uma empresa privada com capitais públicos⁷. Localiza-se no norte da ilha, em Santana, ocupa um recinto útil com aproximadamente 7ha e significou uma experiência nova no país. Em termos de conteúdo, o parque é dedicado à explicação da insularidade madeirense no tempo e no espaço: antes e depois do povoamento. O recinto tem dois componentes básicos: um parque com elucidação botânica,

⁷ <http://www.parquetematicodamadeira.pt/sobre--about.html>

onde preponderam inúmeros exemplares de *magnolia grandiflora*, para além da atenção dada à flora endémica macaronésia; e pavilhões, onde são mostrados conteúdos em exposição convencional ou em sessões multimédia: o achamento e o povoamento do arquipélago, a descrição da insularidade, a hospitalidade instituída como recurso turístico, a antiga habitação camponesa, a diáspora. Elaborou-se um discurso composto de sucessivas remissões para a história, a economia e a cultura, tanto retirada do plano social dominante, como da esfera das subalternidades. Difunde-se uma noção de cultura popular em se extingue a diferenciação social. Num percurso estruturado por objetos isolados ou em arranjos artefactuais sublinhe-se a bem conseguida reconstituição duma cozinha popular, de facto traduzindo um quadro histórico do quotidiano das camadas camponesas mais pobres. Este conjunto é atribuído à zona de Santana, embora – reforçando uma visão histórica – as habitações abafadas a colmo não fossem exclusivas daquela parte da ilha, mas uma técnica de construção generalizada. A visita ao parque está pensada como jornada familiar ou de grupo. Há desafogo nos espaços, sente-se uma logística pensada para acolher visitantes em massa, com focos de diversão e atividade física disseminados pelos percursos possíveis. Não falta a recordação do «caminho de ferro», um antigo comboio a vapor de cremalheira, de vocação turística, que circulou na primeira metade do século XX entre o Funchal e o Terreiro da Luta; agora numa versão atualizada opera com uma unidade tratora dotada de um motor de combustão interna, sem trilhos, sobre pneus, faz as delícias dos visitantes de todas as idades, menos atreitos ao exercício físico. O popular metamorfoseia-se em emblematizações: a boneca de massa, o bolo de mel, o bordado, o brinquinho, o cesto de vime, o chapéu de palha, uma garrafa de vinho Madeira, o barrete de vilão, a bota-chã. O olhar sociológico deteta sem grande esforço reflexivo o processo de nostalgização levado a cabo; admita-se, o produto último com vista à satisfação do visitante. Um observador assinala o interesse do projeto pela componente inovadora que lhe presidiu, regista a visão do popular transmitida, assente na encenação de fragmentos expurgados da conflitualidade do passado, de forma a suscitar sensações de conforto ao visitante.

Em resumo, o parque temático madeirense consagra a emblematização de temas de cultura popular. Aparenta estar sobredimensionado, atendendo ao real potencial de visitantes, tanto de residentes, como de turistas: o tarifário em vigor propõe optar entre *pay-on-price* ou *pay-as-you-go*. É a sustentabilidade do empreendimento que cumpre interrogar.

Núcleo Museológico de Arte Popular

É no Centro Cívico de Santa Maria Maior que se encontra instalado o Núcleo Museológico de Arte Popular⁸. Uma das valências consiste numa exposição etnográfica montada no primeiro piso ocupando uma área que rondará os 250 m². Exibido desde 2007, o acervo apresentado foi sendo desde então complementado. Ao visitante são facultados os parâmetros em que se enquadra a memória de tempos e dos espaços onde aconteciam os ciclos de fainas agrícolas hoje esquecidas. Um critério funcional ditou numa primeira abordagem a disposição dos artefactos. Logo no início do percurso passa-se revista a quase duas dezenas de manequins que ostentam indumentárias replicadas das outrora em uso; constata-se diversidade cromática, diferenciação de género, identificação territorial, funcionalidade, estratificação social. Este setor assenta em informação extraída de fontes textuais e iconográficas, já que o testemunho oral foi menos viável (finais de século XIX – anos 1930). Sublinhe-se o trabalho minucioso de retaguarda levado a cabo na confeção dos trajes, já que só em poucos casos ocorreu recolha de originais. Ao visitante depara-se uma passagem de modelos inanimada, sugerindo um debate sobre o vestuário regional. A imagem transmitida diverge da que se tornou comum encontrar nas ações de animação turística e sobretudo nas obras do folclorista madeirense Carlos Santos (1893-1955), que figurava como a autoridade não contradita no que respeita o assunto⁹. Prosseguindo o percurso circulamos por espaços, onde são tratadas várias atividades e fainas duma sociedade camponesa insular gradualmente desativada desde há decénios, ao ritmo dos fluxos emigratórios. A encenação dos tormentos do linho composta pelos objetos e por imagens ilustrativas das sucessivas fases do seu tratamento remete ainda para a indumentária, pese a importância de têxteis importados: o de cá e o que vem de fora sempre se terão articulado aqui e em toda a parte. Mas é ainda no linho – embora se refira também a lã – que a recolha de objetos e testemunhos parecem mais aprofundados¹⁰.

⁸ <http://www.grupofolcloreboanova.com/museu/>

⁹ Jorge Freitas Branco, «Carlos M. Santos (1893-1955): Folclorizador num tempo madeirense» in Castelo Branco, Salwa El-Shawan, Jorge Freitas Branco (coords.), *Vozes do Povo. A folclorização em Portugal*, Lisboa, OpenEdition Books, 2.^a edição, 2018 [2003], pp. 447-454. Disponível em: <https://books.openedition.org/etnograficapress/607>, consultado no dia 8 de fevereiro de 2019.

¹⁰ Danilo J. Fernandes, *Ferramentas do linho e da lã, o ADN do povoamento rural da Madeira*, Funchal, Grupo Folclórico e Etnográfico da Boa Nova, 2016.

Ao têxtil seguem-se os meios de transporte, onde o veículo dotado de rodado prova a sua eficácia mesmo em terreno montanhoso com declives acentuados: nem tudo é levado às costas (odres ou «borrachos») ou por arrasto (corças). A estas técnicas estão associados sistemas de atrelagem, representados por várias cangas.

No domínio das colheitas agrícolas, a ênfase é colocada nos cereais. A debulha faz-se na eira a mangual (aplicação da força humana) ou com o trilho (recurso a animais).

Apresentam-se outras atividades derivadas ou complementares da agricultura: a confeção de trançados (vime, giesta, cana vieira), a tanoaria destinada ao vinho e às aguardentes, a latoaria lembrando a venda de leite porta-a-porta no meio urbano funchalense, quando não se trazia o próprio animal.

Também se invocam os instrumentos musicais declarados tradicionais, tais como o machete ou o rajão, ou de criação espontânea pelo aproveitamento dos materiais sobejantes (chocalhos feitos com caricas)¹¹.

No campo de criatividade assente em observação atenta e participativa destacam-se os carrinhos de madeira e de outros materiais aproveitados por rapazes servindo de brinquedos em causa própria. Fenómeno ao qual se continua a prestar atenção em estudos feitos noutras paragens¹².

Termina desta forma uma visita a uma galeria etnográfica. Reunida no quadro do Grupo Folclórico e Etnográfico da Boa Nova¹³, para que os objetos da vida rural insular servissem de atavios às exposições folclóricas; adquiriu um discurso autónomo face à *performance* folclórica

¹¹ Não pode ser omitida uma iniciativa museológica com potencial deveras promissor e que incide sobre os instrumentos musicais madeirenses, incluindo uma oficina de construção desses instrumentos. Trata-se do MuseuAPA, uma estrutura virtual, acessível em <http://www.museupa.com/museu/>

¹² Cf. Thomas Laely (ed.), *Drahtmodelle aus Burundi / Wire Models from Burundi*, Stuttgart / Zürich, Arnoldsche Art Publishers, Völkerkundemuseum der Universität Zürich, 2017. Trata-se do catálogo duma exposição sobre uma coleção de brinquedos de arame, reunida no Burundi, patente ao público no Museu de Etnologia da Universidade de Zurique, em 2017-18, ver mais em: <https://www.musethno.uzh.ch/de/ausstellungen/archiv/auto-didaktika.html>. No caso madeirense as construções eram de madeira (com incorporações de borracha e de metal nos pregos e nos rolamentos) para permitir o uso dos veículos na via pública.

¹³ <http://www.grupofolclloreboanova.com/>

– mas compreende-se a ênfase posta no fator indumentária. De outra forma seria o fenómeno conhecido da mera repetição de objetos em sucessivos acervos expostos ao público com maior ou menor investimento¹⁴.

A edição duma publicação seriada confirma este diagnóstico (Cadernos «Trilho», 5 números publicados). Por fim a ação de *marketing* montada em torno da confeção e venda de carapuças camponesas cria um ícone regional e reforça a centralidade do vestuário verificada na galeria.

Museu Família Teixeira

No lugar da Fajã da Murta, freguesia do Faial, existe uma estrutura museológica que denota originalidade no panorama madeirense, pois trata-se duma *disneylandização* assumida. Refiro-me ao Museu da Família Teixeira, inaugurado em 2014¹⁵. Deve-se à iniciativa do empresário luso-venezuelano Anaclet Teixeira de Freitas (1954-). A partir da habitação modesta de seus pais e onde nasceu e passou anos da infância antes de emigrar, construiu a miniatura de um núcleo de freguesia¹⁶. Num pequeno terreno propriedade familiar sobranceiro à ribeira do Faial edificou um universo de lembranças soltas que se materializam por tópicos: uma capela a Nossa Senhora de Fátima – devoção assumida –, a habitação familiar original recuperada, um pavilhão casa de chá destinado a pausa-fruição nos jardins, um edifício contendo memórias fotográficas dum filho falecido de forma trágica, com a colocação em pedestal do seu automóvel, entre outros objetos de cariz pessoal. Numa cave simulada encontra-se uma adega, onde se realiza a pausa-convívio com o público. Tratamento expositivo do espaço, receção, acolhimento aos visitantes e manutenção dos equipamentos acontecem em moldes profissionalizados; não se cobram entradas. O percurso exterior está ajardinado e nos vários recantos

¹⁴ Jorge Freitas Branco, «Significados esgotados: sobre museus e coleções etnográficas» in X. Roigé, E. Fernández, e I. Arrieta (coords.), *El futuro de los museos etnológicos. Consideraciones introductorias para un debate*, Donostia, Ankulegi Antropologia Elkarte, 2008, pp. 53-68. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1147/1/Branco_Significados_Donostia_2008x.pdf, consultado no dia 7 de fevereiro de 2019.

¹⁵ <https://www.facebook.com/museufamiliateixeira/>

¹⁶ Na Madeira não se usava o termo aldeia.

estilo *belvedere* encontram-se estátuas em bronze de membros da família. O conjunto arquitetónico completa-se com a miniatura de um fontenário num largo.

O museu foi executado ao longo de uma década, refere-se na informação distribuída ao visitante. Impressiona o investimento feito em obra civil, que sustenta um discurso focado num *ego*, o proprietário. Nele convergem várias vertentes. A reconstituição da genealogia proporciona um componente temporal pela identificação dos antepassados de *ego*, identificados por várias gerações, assente no documento de arquivo e na imagem. A profusão de retratos de família no presente, suscita no visitante uma sensação de hospitalidade: compartilham-se momentos de convívio, de lazer, revela-se o enquadramento de acontecimentos ligados aos ritos de passagem que marcam o trajeto biográfico dos indivíduos.

No âmbito pessoal emigrar – ou embarcar como se dizia antes de instaurada a supremacia do transporte aéreo – implica separação temporária curta, prolongada ou definitiva do agregado familiar. Ganha corpo no pensamento do «embarcado» uma visão do mundo ditada pela experiência ganha em contexto de diáspora: adotam-se comportamentos que revelam saudade e discursos que exprimem nostalgias. Tais subjetividades explicam a necessidade sentida posteriormente de reconhecer o sucesso material alcançado e a mudança radical de vida. Assumir uma devoção torna-se uma expressão pública de agradecimento.

O Museu Família Teixeira assenta numa museologia de incidência autobiográfica. Retira as classes populares numa perspetiva centrada no elemento coletivo; o conteúdo do discurso elaborado desencadeia um processo de desanonimização. Restitui aos grupos sociais subalternos protagonismo ganho pelo agir individual. Exprime-se numa estética de ação própria: outros gostos, outros consumos, outras subjetividades. As diásporas também moldam culturas populares.

Museu da Castanha

Inaugurado em 2018, o Museu da Castanha, na freguesia do Cural das Freiras é uma exposição permanente de iniciativa privada, associada a um restaurante¹⁷. Tem por missão promover um produto local.

¹⁷ https://www.facebook.com/Museu-da-Castanha-628834190798901/?__tn__=kC-R&eid=ARAJsxME0yZzHY2vO1pnms4z06bv-Cb-gNPB7VQX9O1HpVA

Não se cobram entradas, sendo o acesso sugerido ao visitante feito pelo estabelecimento mencionado existindo, no entanto, uma entrada independente. A estrutura museológica está instalada numa antiga casa de habitação de dois pisos. O rés-do-chão é dedicado à exploração do castanheiro – na área circundante existem soutos. Descrevem-se e ilustram-se os procedimentos, expõem-se as alfaias correspondentes (peneiras, raladores, assadores) a cada fase desde a apanha da castanha até aos produtos finais: o fruto cozido, assado, na pastelaria, em licor.

À castanha dedicaram-se os dois compartimentos no piso térreo. Não se desvenda que função terá tido o espaço: teria sido uma mercearia? Passa-se ao primeiro andar. Como o terreno é muito inclinado, ambos os pisos têm entrada pelo exterior. Expostos estão agora fragmentos de um discurso autobiográfico, em que um *ego* é pressentido, mas não se deixa identificar nesse papel. Os objetos existentes remetem para tempos entretanto remotos: uma máquina fotográfica (analógica, mecânica), um relógio de mesa, louça, um ferro de passar, peças de linho bordadas, roupa de cama, a mobília dum quarto de casal. Em baixo estava uma rede para transportar pessoas abastadas ou então em urgência médica, mas só aqui se toma plena consciência deste equipamento. Há fotografias: a preto e branco, enquanto em baixo são a cores. Revelam gentes antepassadas (pais, avós, tios) retratados como casais, ou em família. O vestuário data-as. Assinalam ritos de passagem, adivinham-se transições no percurso biográfico dos indivíduos: Primeira Comunhão, ida às sortes, casamento, embarcar, ou ainda como saloias ao serviço do Divino Espírito Santo. Olhando em redor vemos outras no vão da escada: são de paisagens da freguesia tiradas há dezenas de anos e reproduzidas de arquivos públicos. Enquanto umas sugerem intimidade familiar, as outras atestam a densificação de habitações construídas com materiais que já não são precários. Conquistou-se conforto.

Numa vitrina acrílica expõem-se papéis. Atestam a presença e o alcance do braço longo do Estado: uma convocatória de tribunal, uma escritura de venda dum terreno, um certificado de saúde pública para atender ao balcão duma mercearia e, de data mais recente, o cartão de filiado na União dos Caseiros da Ilha da Madeira (UCIM)¹⁸.

0vpsThi0s4nwB9DLjh6U6EuHHEmiY2BgZ&hc_ref=ARS3G19YHlh7nB5a-ZWYIEIEb4qRGVyxjRx0gKJLqDzUbiZaSERavAd3cbEDMw7qTWU

¹⁸ Organização de camponeses formada e ativa nos anos posteriores ao 25 de Abril de 1974 e que se propunha a resolução do regime de colônia.

O percurso continua pelo exterior para o anexo onde está a cozinha, coberta – ou abafada – a colmo. Depara-se ao visitante o forno, a lareira, a mesa de madeira, alguns assentos, a panela de ferro para cozer milho, a respetiva colher de pau, o inevitável candeeiro a petróleo, mais algum equipamento colocado de forma dispersa, transmitindo uma atmosfera de sobriedade, imagina-se algures ainda uma salgadeira. Finda a visita e saindo pelo restaurante expõem-se os produtos da castanha já referidos e mais um, a queijada de castanha, por certo, uma especialidade da casa, dado que o proprietário do museu descende de família que é apresentada como explorando castanha desde há gerações. As inovações não são anónimas, nem espontâneas. A queijada é feita de requeijão – espera-se – e ganhou renome como especialidade da pastelaria madeirense. Na inovação do Cural aproveita-se a designação e muda-se o recheio.

A festa da castanha realiza-se na última semana de outubro e é promovida pela Casa do Povo.

Outras iniciativas

Existem outras iniciativas com objetivos museológicos, estruturadas numa linha de valorização das culturas do trabalho e, por esta via, abordando aspetos relevantes das culturas populares. No atual panorama insular destacam-se algumas realizações, que têm como denominador comum a salvaguarda da memória das técnicas tradicionais, *grossa modo*, descontinuadas. Situações de reativação têm propósitos pedagógicos e, ao mesmo tempo, nostálgicos.

No sítio da Achadinha, em São Jorge foi restaurada, no ano de 2000, a plena funcionalidade dum moinho de água destinado à farinhação de cereais. Foi um projeto de salvaguarda de património material liderado pela Direção Regional da Cultura. A ação pedagógica associada engloba a prestação de serviço à comunidade assegurada por um moleiro. No mesmo local e aproveitando a força motriz da água, havia já sido restaurada, em 1998, uma serração de madeira.

Prosseguindo pelo norte da ilha, na freguesia do Arco de São Jorge, pode ser visitado um Museu da Vinha e do Vinho¹⁹, instalado numa estação agrícola experimental.

¹⁹ <http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/MuseudoVinhoedaVinha/tabid/196/language/pt-PT/Default.aspx>

O projeto do Roteiro Etnográfico das Carreiras, baseado em recriações vivas, data de 1995, mas não conseguiu o enquadramento necessário a garantir sustentabilidade²⁰. No local de instalação ao ar livre reconhecem-se ainda vestígios do projeto, que teria algo dum parque temático. Foi uma iniciativa do Grupo Folclórico e Etnográfico da Boa Nova.

Com a tónica colocada no discurso do museu de empresa mencionem-se as situações mais significativas: a Blandy's Wine Lodge²¹, em pleno centro do Funchal, com o foco dirigido para o vinho generoso e a respetiva marca. Refiram-se ainda, os registos museológicos feitos sobre a cana sacarina e respetivos derivados: as instalações da Sociedade dos Engenhos da Calheta, Lda.²² e as da Companhia dos Engenhos do Norte²³, no Porto da Cruz. De sublinhar, nesta última, a preservação da maquinaria já fora de uso.

Contraste

O papel das atitudes e comportamentos culturais associados às camadas subalternas, assim como a respetiva dinâmica na sociedade insular, ganha legibilidade quando confrontada com a dos restantes grupos sociais.

O método que proponho assenta num exercício de confrontação entre as imagens e representações que cada um dos grupos produziram. Recorro a argumentos colhidos em discursos disponíveis no cenário museológico madeirense atual.

Artefactos equivalentes na forma e constituição, materializam ideias e mensagens diferentes, tanto no tempo, como no espaço, ganhando destinos próprios e divergentes.

Cabe ao atual Museu da Quinta das Cruzes²⁴, ser listado à cabeça, porque foi o primeiro a ser institucionalizado²⁵. Abriu ao público em

²⁰ Sobre este projeto consultar Sara D. M. Silva *Realidade museológica no arquipélago da Madeira. Da génese à atualidade*, Lisboa, ULHT, 2003, pp. 195-196. A imprensa regional tem alertado em sucessivos apontamentos para a degradação do local e a falta de apoios necessários ao projeto.

²¹ <http://www.blandyswinelodge.com/pt/>

²² <https://www.facebook.com/sociedadedosenghosdacalheta/>

²³ <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/explorar/detalhe/companhia-dos-engenhos-do-norte-sorum>

²⁴ <http://mqc.madeira.gov.pt/>

²⁵ Cf. Jorge V. Guerra, «Em torno do panorama cultural na época da Junta Geral

1953, com outra designação. O acervo resulta do gosto, opções e oportunidades de colecionadores de arte privados, que faziam doações de esculturas, pintura, cerâmica, ourivesaria, têxteis, mobília, azulejaria, pratos. No caso concreto são de nomear César Filipe Gomes (1875-1962)²⁶ e João Wetzler (1896-1966). Este último tem a biografia pesquisada²⁷.

Em 1988, abre ao público a Casa-Museu Frederico de Freitas, estrutura resultante da vontade testamentária do doador (1894-1978)²⁸.

Em 2003, é inaugurado o Universo de Memórias João Carlos Abreu²⁹, estrutura de igual forma resultante duma doação. Reuniu um acervo de composição e intenção inéditas no panorama museológico madeirense³⁰. Ao visitante deparam-se sequências de objetos ligados à moda e à decoração de interiores (gravatas, desenhos, mapas, pintura, desenhos, cartazes, estátuas, contentores, etc.), dispostos de forma a que o visitante partilhe uma ambiência de gostos atuais ajustada a uma vivenda urbana dos princípios do século XX.

Nesta ordem de ideias têm ainda cabimento duas estruturas, que traduzem apontamentos discursivos organizados à volta objetos do quotidiano das classes abastadas. No Centro Cultural John Dos Passos, na Ponta do Sol, inaugurado em 2004, encenaram-se um quarto de dormir e uma cozinha³¹. Indicam-se como ambientados no século XIX.

do Distrito», *Junta Geral do Distrito do Funchal (1836-1976). Administração e História*, vol. I, Funchal, Arquivo Regional da Madeira, 2016, pp. 285-326.

²⁶ Agradeço à Dr.^a Teresa Pais, Diretora do Museu da Quinta das Cruzes a informação.

²⁷ Eberhard Axel Wilhelm, «Estrangeiros na Madeira: João Wetzler. Industrial de bordados, antiquário e doador duma coleção de pratos», *Isleña – Revista de Temas Culturais Insulares*, n.º 2, 1988, pp. 69-76.

²⁸ <http://cultura.madeira-edu.pt/museus/Museus/CasaMuseuFredericodeFreitas/tabid/188/language/pt-PT/Default.aspx>

²⁹ <http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias/In%C3%ADcio/tabid/54/language/pt-PT/Default.aspx>

³⁰ Cf. Sílvia Chícharo Laranjeiro, *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara Universo de Memórias João Carlos Abreu. Da realidade à virtualidade*, dissertação de mestrado, Funchal, UMa, 2008. Disponível em: file:///C:/Users/jorgefbranco/Downloads/MestradoS%C3%ADviaLaranjeiro.pdf, consultado no dia 7 de fevereiro de 2019.

³¹ Cf. Márcia Fernandes, *John Dos Passos: o Homem, o Escritor, o Artista e a ilha da Madeira*, mestrado em Culturas Visuais, relatório de estágio, Lisboa, FSCH NOVA, 2017. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/29117/>

Não se trata de espaços em *style bed room* ou *style kitchen*, nem sequer corresponderão a *period bed room* ou *period kitchen*. É mobília doméstica que a coletora data na época pretendida para evocar naquele edifício a ascendência familiar do escritor norte-americano lusodescendente (n. 1896 – m. 1970). Situação similar acontece na Casa-Museu Dr. Horácio Bento Gouveia (n. 1901 – m. 1983), em Ponta Delgada, onde nasceu o romancista. Abriu ao público em 1986, mantendo-se em atividade intermitente. Em ambos os casos podem-se reconstituir aspectos do ambiente que envolvia os estratos mais abastados, e desta forma, estabelecer o tal contraste metodológico pretendido.

Para o exercício de comparação das vivências sociais remeto ainda para os exemplares de vestuário bordado oitocentista – usado para atos cerimoniosos ligados aos ritos de passagem – doados por particulares e integrados numa exposição de cariz não temporário no edifício do Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (IVBAM, IP).

Circunstâncias e hipóteses

As temáticas ligadas às culturas populares, ao trabalho e às técnicas tradicionais ganharam um espaço autonomizado na paisagem museológica madeirense. Além disso, as realizações apresentadas não resultam exclusivamente de políticas públicas de cultura. Surgiram projetos associativos (sem fins lucrativos) e privados (empresas, indivíduos).

No que respeita a estética de ação desenvolvida, verifica-se que a leitura feita às culturas populares se caracteriza pela interpenetração com estéticas de consumo: parque temático engloba diversão (como nos recintos de diversões), a apresentação de objetos nas vitrines expositivas no *shopping* e na exposição museológica tendem a (con)fundir-se. As subjetividades dos parques³² transitam para o museu ou galeria³³. A «moderna cultura material de massas» cria nas pessoas deso-

1/Rel.%20Est%C3%A1gio%20altera%C3%A7%C3%B5es%20defesa.pdf, consultado no dia 6 de fevereiro de 2019.

³² Aldo Legnaro e A. Birenheide, *Stätten der späten Moderne. Reiseführer durch Bahnhöfe, Shopping malls, Disneyland Paris*, Wiesbaden, Verlag für Sozialwissenschaften, 2005.

³³ Em 2001, 2005 e 2007 foram inaugurados os três *shoppings* existentes no Funchal. É importante ter em conta esta nova estética de consumo, pela influência que acaba por exercer ou receber de projetos museológicos; o Parque Temático de Santana e o Universo de Memórias seriam a confirmação de tais processos. A obra referida de Legnaro e Birenheide foca um contexto

rientação, conforme alerta Daniel Miller³⁴.

Na ida ao museu procuramos no discurso nostálgico o sossego negado pelo desassossego em que vivemos e não necessariamente as verdades do passado.

Os casos abordados da musealização de culturas populares demonstram o novo lugar conquistado pelas classes e pelos modos de vida subalternos recordados na sociedade madeirense³⁵. A diáspora desempenha um papel relevante no crescimento das classes médias insulares e deste modo, na fabricação de outras visões de cultura popular.

Detetam-se fenómenos de *benchmarking* de bens culturais. Os processos de emblematização ocorridos em espaços de inspiração museológica atestam a ligação entre identidades flexíveis no plano individual, os consumos culturais e a mobilidade gerados tanto pelo turismo como pela diáspora.

Bibliografia

BRANCO, Jorge Freitas, «Carlos M. Santos (1893-1955): Folclorizador num tempo madeirense» in Castelo Branco, Salwa El-Shawan, Jorge Freitas Branco (coords.), *Vozes do Povo. A folclorização em Portugal*, [2003], Lisboa, OpenEdition Books, 2.^a edição, 2018, pp. 447-454, [em linha] <https://books.openedition.org/etnograficapress/607>, consultado no dia 8 de fevereiro de 2019.

BRANCO, Jorge Freitas, «Significados esgotados: sobre museus e coleções etnográficas» in Roigé, X., Fernández, E., Arrieta, I. (coords.), *El futuro de los museos etnológicos. Consideraciones introductorias para un debate*, Donostia, Ankulegi Antropologia Elkartea, 2008, pp. 53-68, [em linha]

social e ideológico diferente do insular; no entanto, é a análise das subjetividades feita pelos autores que aqui retenho e que há que ter em conta na nostalgia que referi.

³⁴ Daniel Miller, «Artefacts and the meaning of things» in Simson J. Knell (coord.), *Museums and the Material World*, Londres, Routledge, 2007, pp. 166-186.

³⁵ Jorge Castro Ribeiro chega a conclusão semelhante num estudo sobre os coros madeirenses: «Coros madeirenses: sociabilidade, representação insular e participação musical» in Maria do Rosário Pestana (coord.), *Vozes ao alto. Cantar em coro em Portugal (1880-2014): Protagonistas, Contextos e Percursos*, Lisboa, MPMP, 2014, pp. 329-359.

https://repositorio.iscteuiul.pt/bitstream/10071/1147/1/Branco_Significados_Donostia_2008x.pdf, consultado no dia 7 de fevereiro de 2019.

- CORREIA, João David Pinto, «Cultura “madeirense”. Implicações de um conceito (sistematização – roteiro para estudo)» in J E Franco & C. Trindade (coords.), *Que saber(es) para o século XX. História, Cultura e Ciência na Madeira*, Lisboa, Esfera do Caos, 2014, pp. 297-339.
- CORREIA, João David Pinto, «A Condição de Ilhéu: Vivência, Memória, Testemunho» in O. T Almeida, R. Carneiro, A. T. Matos (coords.), *A Condição de Ilhéu*, Lisboa, CEPCEP, 2017, pp. 35-44.
- FERNANDES, Danilo J., *Ferramentas do linho e da lã, o ADN do povoamento rural da Madeira*, Funchal, Grupo Folclórico e Etnográfico da Boa Nova, 2016.
- FERNANDES, Márcia, *John Dos Passos: o Homem, o Escritor, o Artista e a ilha da Madeira*, Lisboa, FSCH NOVA, mestrado em Culturas Visuais, relatório de estágio, 2017, [em linha] <https://run.unl.pt/bitstream/10362/29117/1/Rel.%20Est%C3%A1gio%20altera%C3%A7%C3%B5es%20defesa.pdf>, consultado no dia 6 de fevereiro de 2019.
- GOUVEIA, Henrique Coutinho, *Museu Etnográfico da Madeira: estudo de um modelo de avaliação*, Praia / Tomar, Universidade de Cabo Verde e IP Tomar, 2009.
- GUERRA, Jorge V., «Em torno do panorama cultural na época da Junta Geral do Distrito» in *Junta Geral do Distrito do Funchal (1836-1976). Administração e História*, vol. I, Funchal, Arquivo Regional da Madeira, 2016, pp. 285-326.
- LAELY, Thomas (ed.), *Drahtmodelle aus Burundi / Wire Models from Burundi*, Stuttgart / Zürich, Arnoldsche Art Publishers, Völkerkundemuseum der Universität Zürich, 2017.
- LARANJEIRO, Sílvia Chícharo, *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara Universo de Memórias João Carlos Abreu. Da realidade à virtualidade*, Funchal, UMa, dissertação de mestrado, 2008, [em linha] <file:///C:/Users/jorgefbranco/Downloads/MestradoS%C3%ADlviaLaranjeiro.pdf>, consultado no dia 7 de fevereiro de 2019.
- LEGNARO, Aldo & A. BIRENHEIDE, *Stätten der späten Moderne. Reiseführer durch Bahnhöfe, Shopping malls, Disneyland Paris*, Wiesbaden, Verlag für Sozialwissenschaften, 2005.
- MILLER, Daniel, «Artefacts and the meaning of things» in Simson J. Knell (coord.), *Museums and the Material World*, Londres, Routledge, 2007, pp. 166-186.
- RIBEIRO, Jorge Castro, «Coros madeirenses: sociabilidade, representação insular e participação musical» in Maria do Rosário Pestana (coord.), *Vozes ao alto. Cantar em coro em Portugal (1880-2014): Protagonistas, Contextos e Percursos*, Lisboa, MPMP, 2014, pp. 329-359.

- SILVA, Sara Dinis Mendes da, *Realidade museológica no arquipélago da Madeira. Da génese à atualidade*, Lisboa, ULHT, dissertação de mestrado, 2003 [em linha] http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/sara_dinis.pdf, consultado a 4 de fevereiro de 2019.
- VERÍSSIMO, Nelson & Jorge V. GUERRA, «O Hospício Franciscano e a capela de São José da Ribeira Brava», *Isleña Revista de Temas Culturais Insulares*, n.º 19, 1996, pp. 61-94.
- WILHELM, Eberhard Axel, «Estrangeiros na Madeira: João Wetzler. Industrial de bordados, antiquário e doador duma coleção de pratas», *Isleña – Revista de Temas Culturais Insulares*, n.º 2, 1988, pp. 69-76.